This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

A Exma Senhora
D. Luiza Guedes Cabral,

AR LIVRE

homenagem do autor.

DO MÊSMO AUTÔR:

VERSO

POESIAS ESCOLHIDAS (dos livros de Coimbra)

AUTO DA « SEBENTA » (1899)

CONTO DO NATAL

O ENCOBERTO (poêma)

PROSA

« MARQUES »

Lopes-Vieira, Afonso Ad.

AFFONSO LOPES-VIEIRA

AR LIVRE

LISBÔA
LIVRARIA EDITORA
VIUVA TAVARES CARDOSO
5 — Largo de Camões — 6

1906

PG 9261
L65 A72

PORTO — Imp. Portugueza — Rua Formosa, 112

A

THEOPHILO BRAGA

Que a oferta destas insignificantes anotações á Vida, diga a grande admiração, a comovida gratidão dum homem pêlo exemplo da sua alma e do seu trabalho.

A. L.-V.

A ância da ideia que procura a fórma,
quer som, mármore e côr e, num momento,
achada a fórma, é alma, e nella ondeia.

A Palavra do homem, — sentimento
da vida que sentiu e que o rodeia, —
é pedra, côr, som, alma: é pensamento.

Eu senti: e aqui vai, muda e vivida,
— pobres palavras ditas em tropel, —
a pobre escrita em que falei da Vida:

Escrevêr, é falar-se no papel.

A VIDA

. . . . . .

O rochêdo:

A vida é a onda que me açoita, e crava
suas líquidas garras no meu flanco,
quando, na fúria em que se inrola e baba,
muge, rolando, o furiôso arranco.

A onda:

A vida é espedaçar, continuamente,
a fôrça da maré na rocha ingente,
na areia, que foi rocha antigamente.

O ribeiro:

A vida é só corrêr e murmurar,
sem se sabêr aonde fica o mar.

O rio:

A vida é lá, naquêlle mar profundo,
para que vou, dizendo adeus ao mundo.

A nuvem:

A vida é a água que evapora e cria
a nuvem alta que virá, um dia,
á terra que a criou, evaporou.

A erva:

A vida é sêr pisada, sêr rasteira
e sêr humilde; e, junto á companheira
e a mil outras mais, sêr vêrde prado,
que reverdece para sêr tragado.

A árvore:

A vida é a raiz, que a suga e bebe
na terra em que trabalha, em que se imbebe.

A formiga:

A vida é carregar, cansadamente,
para o meu formigueiro, uma semente.

A abêlha:

A vida é procurar por um vergel,
o arôma e a seiva que hão de dar o mel.

A ave:

A vida é asa, a vida é canto; a vida
é voada e cantada que é vivida.

O pôrco:

A vida é só fossar; tudo é pitança:
ou sêja estrume ou carne de criança.

O cão:

A vida é o olhar dum deus: o imenso
olhar que tem o dôno a que pertenço.

A criança:

A vida é o meu brinquêdo; e é mais: parti-lo:
para sabêr de que era feito aquillo.

O homem:

A vida, é a vida; e é mais: analizá-la:
para vêr se a intendo e posso amá-la,
para vêr o sentido que lhe dou...

O astro:

A vida, a mêsma é, igual viveu:
tambem de terra é feito o astro do céu.

. . . . . .

A vida:

Eu não sei o que sou.

Os Mortos :

Já tornados á Mãe donde viemos,
nella fecundamente renascêmos...

Á Mãe que nos criou, nos digeriu
com semelhante, clara indiferença,
cujo ventre jàmais cansou nem cansa,
— feroz, fecunda, cega, surda, imensa, —
e tudo mata quanto produziu,
nesta morte vital, — que é a mudança.

Sômos p'ra vós, os que habitaes ainda
esse agreiro de Sol, que a luz alinda,
para as vossas memórias vans e ingratas
— uma névoa de nomes e de datas...

Sômos, na naturêza, a mêsma vida,
— apênas noutras fórmas revivida, —
a que vivêmos ahi, aonde, passando,
nos fômos tôdos imortalizando.

Sômos os mortos: sômos o Passado.

Sômos quem, dêste espaço ilimitado,
com mãos que são, ás vêzes, râmos vêrdes,
que, árvores, no ar de leve ondeâmos,
e outras, quebrar de onda pela praia,
que o seu seio arredonda e logo esmaia;
e com vozes que são, — homens: ouvi-as..., —
ás vêzes, o falar de fontes frias:
nós sômos quem vos move e vos conduz,
da eterna sombra, nessa eterna luz.

Sômos os mortos: sômos a Lembrança.

E cada um de vós, que agora alcança
essa vida mais certa que esta nossa

que vivêmos na surda vida escura,
— braça vêrde, erva triste, agua de póça, —
cada uma de vós, almas, procura,
porque lá dentro viva lhe bateu,
a lembrança dos mortos, que inda dura
quando a dos vivos mêsmo se perdeu.

Sômos os mortos: sômos Companheiros.

Qual o vento que inrola os nevoeiros
e os espalha, e os leva, e na paisagem
os intorna, os desfia, e já parece
que o mundo afunda e tudo reaparece
nos longínquos efeitos da miragem,
assim tambem ao vosso pensamento
quando em consciência ahi desabrochou,
o involve essa sombra, que esse vento
de memórias passadas arrancou.

Sômos os mortos: sômos vossos Pais.

Batalhaes, trabalhaes, suaes, pensaes...
Repetis uma dôr que já vivêmos

quando, nessa poeira, batalhámos,
trabalhámos, suámos e sofrêmos;
de cada um de nós, esparso e incerto,
— cardo na terra ou vento no deserto, —
de cada um de nós, o nome vão,
radia para vós o sonho e a acção.

Batalhaes, trabalhaes, sofreis, pensaes...:
Repetis: repetis, e pouco mais.

Renascêmos: passâmos p'ra voltar.

Respirâmos comvôsco, e sômos o ar...

Cada dia que foje e vai levado
n'asa do Tempo calma e fugidia,
mais nos afunda, mais, para o passado:
como um pôvo de nuvens acossado
p'las invisiveis mãos da ventania.

E na enorme, na anónima incertêza
da alma do môrto, alheia a bem e a mal,
vereis esta suprêma e mór tristêza,
que sabêmos, — de sêr a naturêza,
igual, fecundo vácuo universal...

De tanto pensamento difundido,
que são os nossos pensamentos mortos,
existe um pensamento que é vivido
por vós, nos vossos corações absortos:
e do passado longo e vago e fundo
nos erguêmos em vós a cada instante,
e quanta vêz, ahi, vai triunfante
na alma viva, a morta e já distante,
— a alma dos mortos governando o mundo.

E da nossa Consciência, — assim desfeita
como a luz que se apaga e vai enchendo
de fumo leve a casa que alumia, —
jàmais vos heis de libertar, vivendo
a vossa vida, que por nós é feita,
numa imortal tirania!

EXPERIÊNCIA

Os velhos que sentem e têm
as suas almas no fio
e já tremem com o frio
que assopra lá do àlem,
ao sol-pôsto desbotado,
— hora irman, que os internece,
e que mais lhes arrefece
o frio e velho cuidado, —
para o vivo môço ardente,
quando esse môço lhes fala,
sua longa e ingénua fala
dizem assim, longamente:

— Môço: apênas crê
na quebrada voz,
nesta com que nós
te dizêmos, vê,

o que a Experiência
aos velhos ensina
com certa sciência
de mestra divina.

Môço descuidôso
que não sabes nada
do que na jornada
pelo mundo irôso,
nós, que invelhecêmos,
por lá aprendêmos:
só a voz sumida
dum velho, a falar,
poderá contar
o conto da vida;
o comprido conto
que só a velhice
verdadeiro disse,
sem faltar um ponto.

Só nós, que vivêmos
a vida cansada,
ao fim da jornada
emfim já sabêmos

como o viajante
fará sua traça
por passar àvante,
por não têr desgraça!

Têr filhos, é têr
vivido outra vêz;
têr netos, — havêr
vivido por três...
Em três vidas, sim,
a vida vivêmos,
porque invelhecêmos
vivendo-as assim.

Nada a mocidade
saberá ao certo,
nem sabê-lo ha de:
porque vai tão perto
de donde partiu,
que inda nada viu.

Só depois do meio
do caminho andado
pela estrada fóra,
quando já vai cheio
de fel e cuidado
o doido que outrora
bateu apressado,
o coração môço
que dantes batêra;
pendido o pescôço,
a face de cêra,
— se sabe o que a gente,
para vos guiar,
desgraçadamente
vos póde ensinar!

Se ha nos olhos fôgo,
o lume que trazem
fará com que logo
por tudo se abrasem...

Se ha risos na bôca,
que p'ra tudo é riso,
mingúa o juizo
na cabêça louca!

Se a alma se abrasa
por sempre subir,
não é alma, é asa,
vôa p'ra cair...

Môço: apenas crê
na quebrada voz,
nesta com que nós
te dizêmos, vê,
o que a Experiência
aos velhos ensina
com certa sciência
de mestra divina!

Ora, o vivo môço, ouvindo
taes palavras longas, quando
os bons dos velhos, falando,
vão assim aconselhando,
ouve, ouve e vai sorrindo...

E bem ao certo pudera
dizêr-lhes com a verdade
que ha em tôda a mocidade,
que vem a sêr primavera
na roda da nossa idade:

— Bons velhos, que têm
as almas no fio
e tremem com frio
que assopra de àlem,
nada ensinarão
mais que o môço sabe,
nem nas almas cabe
parada lição.

Porque a Experiência
apênas ensina
a certa sciência
de mestra divina,
àquêlle que fôr
por seus pés andando,
e seus pés rasgando
no caminho em flôr.

Ninguem para si
poderá dizêr:
« Vou enchêr um saco
com o que aprendi; »
porque, entretanto,
corre a vida anciada:
e quem soube tanto,
não saberá nada...

Bons velhos: se a vida
não pára ou parou,
sciência perdida,
perdida tristêza
será, com certêza,
a de quem, na vida,
p'ra sempre quedou.

Pai e Filha

Quando o Mar, rouco e demente,
arma as ondas para a guerra,
e avança raivosamente,
cravando as unhas na Terra;
a Terra, mãe dos pomares
e das calmas sementeiras,
que ama o socêgo dos ares
como os velhos as lareiras;
ella, — que o Mar musculôso
impurra, pisa e maltrata,
arrepelando-se, irôso,
as crêspas barbas de prata, —
tremendo como a pejada
que o marido acusa e espanca,
e cobre o ventre, assustada
pêlo filho, e tôda branca, —

p'ra a grande fúria do Mar
em sua alma lhe diz
p'los râmos a baloiçar:

— Senhôr Pai: que mal lhe fiz?

A MÃE

Os homens, se pudéssem, com certêza
tinham já deshonrado a naturêza.

Já nella, com razões, sentenças gastas,
tinham criado seitas, ordens, castas...

Este incovado, bravo mar de horrôres,
seria o velho mar dos pescadôres.

Um mar de ondas domésticas, leaes,
seria o mar para os hiates reaes.

Uma terra mecânica que désse
dez colheitas por mês ao que a tivésse.

E uma terra de pedra e de charneca
em que sempre se cava, e tudo séca.

Um Sol que, mêsmo á noite, alumiasse
quem para têr perene luz — pagasse...

Ah, quanta coisa assim os homens vãos,
se pudéssem, fariam por suas mãos!

Mas a madre divina lhes resiste,
inviolavel, serêna, eterna, e triste.

INTUIÇÃO

Não sei — e sei. Adevinho?
Mas não, porque já sabia...

Inda o pão era seara,
inda na cêpa era o vinho,
e já do pão me fartára,
e já do vinho bebia...

Quem viu? Uns olhos que eu *sinto:*

O génio do nosso instinto...

SOFRÊR

Tôdos, na Vida, têmos de sofrêr:
que é o modo perfeito de vivêr?

O valôr da Razão em que consiste?
Em podêr sêr divinamente triste.

Uma alegria, doe. Mas a sofrêr-se,
por bem da Vida, é que será vivêr-se.

Em todo o intendimento ha uma dôr,
que é o primeiro passo para o amôr.

Sabêr amar, tem uma aprendizagem
de que o que aprende a lêr é certa imagem:
tal o que aprende, e ólha, e não penetra
o sentido do têxto e, gaguejando
o que nas letras vê, vai, e soletra,
esse oculto sentido procurando:
uma sílaba agora, e um ditongo,
e uma sílaba mais que junta vê:
e, emfim, depois do seu trabalho longo,
palavra por palavra, — intende, lê!

Já para elle vai resplandecendo
cada letrinha que par'cia escura.

Homens, já soletrâmos; mas, sofrendo,
ha de aprendêr-se a universal leitura...

Um caminheiro faz uma jornada
trabalhosa e comprida; e, nessa estrada,
por cujas fartas léguas de agonia
tôdo o mal já sofreu, todo o revés,
em cujo pó seu sangue lhe cahia
das feridas abertas nos seus pés;
cansado e triste, mas á sombra frêsca
da árvore que o ar refresca em tôrno,
uns instantes repoisa...; e olhando a estrada
por onde veio vindo de longada
e ha de sêr seu caminho para a frente,
— eis que vê, longe, tão longinquamente
que mal os vê, os outros caminheiros
que para trás ficaram atrasados;
elle sofre, por vêr os companheiros
lá tão longe, perdidos e cansados;
elle, da sua sombra, viverá
(e o mêsmo é: sofrê-los outra vêz)
esses passos cansados que deu já
com a carne pisada dos seus pés...

Porque longe, na estrada, inda aparece,
é que a maldade do homem entristece!

O jardineiro que anda no jardim,
assobia e trabalha; mas, em mim,
o perfume da flôr, a côr e o cheiro
de cada frêsco, são, lindo canteiro,
recorda-me que a flôr, para florir,
tem de escutar o Sol, tem de o sentir:
por isso para mim a flôr emana
mais que uma obra trabalhosa, humana;
sou mais inteligente, e o motivo
é que eu, sofrendo mais, melhor já vivo.

Quando uma aranha tece a sua teia
com seus bilros ligeiros construindo
o ingenho em que o sustento irá caindo,
qualquer, vendo-a tecêr, dirá: — Que feia!
Mas, para mim, a aranha é já belêza
porque lhe admiro o instinto, a naturêza;
e a vê-la, deligente, trabalhar,
á estranha bordadeira habilidosa,
incanta-me o seu génio de lançar
essa rêde de pesca, vaporosa.

Por que me incanta? Só porque mais sôfro,
sabendo mais quanto custou a teia,
assim como é, tão leve como um sôpro,
do que os que acham essa aranha, feia.

Feliz do homem, quando, emfim perfeito,
trouxer a dôr de tudo no seu peito;
quando, no lindo exílio dolorôso
em que o Sol nos deitou, o homem sentir,
em frente á Vida e a tudo que existir,
— um stoicismo que sêja afectuôso.

Quando, no mêsmo olhar, já amoravel,
olhando em roda a Vida que caminha,
puder, na mêsma dôr interminavel,
inlaçar uma estrêla e uma andorinha:
e o astro no céu e a ave na terra
tenham p'ra elle a significação
daquillo que no íntimo lhe incerra
o seu já certo e sábio coração.

Quando, — perdida toda a van esp'rança
doutro destino que não sêja a sorte
comum a tudo, e a tudo involve e lança
nos contínuos vaivens da vida-morte, —
o pastôr que passar pela montanha
com seu rebanho ao Sol, puder pensar
que elle, rebanho e Sol vão na tamanha
maré que apenas vasa p'ra voltar...

E esse zagal, — em cujos olhos mora
hôje apênas um bom presentimento
quando dos altos astros se enamora, —
tiver, então, o forte sentimento
que da sua garganta desatando-se
irá da serra aos astros ampliando-se...:
e nessa alada, rústica cantiga,
ingénua como é, puder contêr-se
a consciência e a graça que se liga
em sentir-se, em cantar-se e em sabêr-se.

Feliz do homem quando, no seu canto,
cantar, imenso, o emaranhado pranto
de tudo que tem voz e a que a não tem;
e souber, já então, apreendêr

o soturno falar de sua Mãe;
e a naturêza tôda lhe disser,
p'ra elle a modular no seu amôr,
sua p'ra nós desconhecida essência:
quando emfim, como a arte, a Vida fôr
a emoção harmoniosa da consciência.

Sofrendo tudo, a si se sofre mênos;
e enchendo o coração desta ternura,
achará seus cuidados mais piquênos
e ou delles se esquece ou mênos cura.

Sofrendo tudo, tudo saberá:
é como um deus, pois tudo intende já.

Na naturêza palpa-se a vontade
de quem quer, de quem busca, de quem ha de
um dia possuir a perfeição
de sabêr que lhe doe o coração.

Um carvalho, se o sangra a machadada,
sentirá, mas não *elle*, a dôr vibrada;
mas ha decerto uma tragédia inteira
na ave que fica em laço prisioneira.

Tôdo o carvalho, vêrde, a florecêr,
quer sêr a ave, quer tambem sabêr.

Sabêr-se que se sofre: — eis a que aspira
da Vida o mais recôndito labôr
na naturêza que em redor respira:

A fórma da consciência, é uma dôr.

ELOGIOS

Duas irmans conheci,
duas pequerruchas.

Eram
tão diferentes, porém,
e até nas sortes, tambem,
que, desde que as intendi,
não me esquecêram.

Uma, era linda. E a gente
que a via, logo dizia,
mirando-a admiradamente:
— Mas que criança tão linda!
Carinha assim é que ainda

não vi!... Que olhos, que cabêlos!
Como se chama?... — E era vê-los,
os que falavam, beijando-a,
pondo-a ao colo, acarinhando-a...

Logo ao lado, estava aquella
irman desta irman tão bela,
grave como uma senhôra...

Nada ninguem lhe dizia.
Não faziam caso della.
Era feia. — Nem par'cia
irman da outra, — pensava
a gente que mal a olhava!

E tôdos, — mênos a mãe, —
(porque o próprio pai tambem)
nunca tinham tido braços
para lhe darem abraços,
nem mimos para lhe dar...

Hão de ellas crescêr, e têr
tambem filhos, e de andar
esta vida desgraçada,
que é uma comprida estrada
cheia de dôr, que é seu pó:
uma vai bem preparada;
da outra, o que tenho, é dó.

O NINHO

Subiu àquella árvore perfeita,
— que dá flôr e dá fruto e os râmos deita
para espalhar a sombra e sêr o abrigo
de tôda a ave que vem têr comsigo, —
subiu àquella árvore a criança:
e aqui fincou a mão, e ali ageita
o pèzinho no tronco, e sobe, e avança,
e treme, e deita a mão devagarinho
e rouba um ninho!...

O homem roubou a ave. — Inda não sente,
elle, o do sofrimento, o da Razão,
o laço que anda, carinhosamente,
ligando o seu destino ao da criação!

Ainda rouba, e caça e, com furôr,
espanca o animal que, no caminho,
mais para trás ficou, — como uma flôr
mais longe está do olhar dum passarinho...

Inda é aquêlle homem, o cocheiro
que por essa ladeira eu vêjo rir
quando despede o pingalim certeiro
sôbre os cavalos mortos de a subir!

Elle inda é: a fera que anda em pé.
O tigre, ás vêzes santo. O malfadado
que é mau, quem sabe?, porque foi criado!

Quanto tempo levou na alminha clara
das aves, este instinto a germinar,
té que adqu'rissem a sciência rara
de sabêrem seu ninho arquitectar?

Quanto passado e longo sofrimento,
que primitiva dôr, aflita ância,
(assim se fórmam asa e pensamento)
quantas fugas de rôjo esvoaçadas
nessa medrosa e mal voada infância,
sem sabêrem fazêr, desabrigadas,
os ninhos que, depois, já amorosos,
são a paga dos dias dolorosos!

Quanto passado e longo sofrimento
vivêram ellas, té que emfim, um dia,
de pais a filhos este intendimento
herdassem, como o canto e a alegria...

Igual amôr aprendem homem e asa,
na mesma evolução, igual carinho:
o homem sorri, e já levanta a casa,
a ave gorgeia, e já constroe o ninho.

Ah, como a Vida acaba de sofrêr,
ó criancinha rústica e suave!

Não póde haver Belêza emquanto houver
um homem que destrua um ninho de ave.

A Poesia das Pragas

Levantaste as mãos ao céu,
quando o filho te morreu.

E o teu marido, coitado,
praguejou, desesperado!

Em ambos, o mesmo luto:
a mãe, chorando; elle, inxuto.

Em ambos, a mesma dôr:
em duas fórmas de amôr.

E ambos vós, amigos meus,
vos intendêstes com Deus...

Passa todo o santo dia
a trabalhar,
o pobre do J'sé Maria,
que tem a mulher de câma,
sem esp'rança de melhorar,
e dois filhos, um de mâma.

Debaixo da alpendurada
o banco do ofício armou;
e mal rompe a madrugada
té quase noite fechada,
o pobre J'sé trabalhou.

Elle prega, serra, aplaina
as grandes rodas de carro;
e nem tempo tem, co'a faina,
para fazêr um cigarro.

Mas, distrahido que anda,
(ouve a mulher a chorar...)
porque a sorte lhe desanda
com tão nêgro desandar,
o J'sé aderga, sem vêr,
de, quando vai a pregar,
nos próprios dêdos batêr.

« Má raios partam a Vida! »
uiva o rapaz.

A mulher,
que o ouve, põe-se a gemêr,

e elle recomeça a lida...

Emalha a rêde, á soalheira,
este velho pescadôr;
e de tão destra maneira,
que essa rude mão grosseira
com tão delicado amôr
e tanta graça ligeira
sabe desimbaraçar-se,
puxa a agulha, e arremata,
que a linha, fio de prata,
por si parece inredar-se.

Ora mas os olhos, não!,
pegaram de invelhecêr
e mênos servem p'ra vêr
que os dêdos de cada mão.

« Rai' de olhos! Córna de sina! »

Cegam-se os dêdos, raivosos...

E alimpa os olhos chorosos
á manga de castorina.

NUVENS

Nuvens errantes, chusmas vaporosas,
que, nestas tardes do fecundo outôno,
pêlo ar viajaes e, anciosas,
o vento leva a exílios de abandôno:
comvôsco vão meus olhos, incantados
na côr que o Sol, de longe, inda vos deu,
ó êxodo de povos desgraçados,
procurando uma pátria pelo céu!

Fôstes, na terra donde vos contemplo,
o rio, a onda, a póça, a fonte aos ais;
para depois, com imortal exemplo,
ascendêrdes p'ra aonde agora estaes...

E nos altos do céu, onde, pairando,
lá ides de longada caminhando
por esses campos êrmos e vazios,
inda terrestres sois, no céu profundo,
e povoaes o céu com o nosso mundo,
de esculturas de fontes e de rios.

Quem sabe se a preguiça em que se involve
vosso rosado sêr, será saudade
da vossa alma, que inda á terra volve
os seus olhos mortaes da imensidade?

Que bem se intende a vossa nostalgia...

E andaes devagarinho, como a gente
que uma vez parte, e volta, e quereria
não partir, — mas tem de ir, forçosamente.

Essas remotas, pálidas viajens
que vos afastam, que vos evaporam,
são as tristes, justíssimas imagens
das almas que de longe vos namoram.

Nós sômos, como vós, nuvens..., que apênas
se logram condensar, perdidas vão
efêmeras morrêr, mênos serênas
do que vós, — borbolêtas da amplidão...

Nós, homens, sômos igualmente feitos
dessa errante matéria vagabunda
desprendida da terra, que aos seus peitos
nos amamenta e embala e leva e afunda.

Por isso os nossos olhos, embalados
na côr que o Sol, de longe, inda vos deu,
partem comvôsco e andam, desterrados,
procurando uma pátria pelo céu!

Águas da terra, na maré das vidas,
já da terra partis vaporizadas,
mas embora vos saiba transformadas,
eu vêjo-vos entanto enadecidas...

Como vós, que já longe e mal diviso
no cinzento do céu, todo indeciso,
por sobre o mundo aonde vos criaes:
como vós, a passar na asa dos ventos,
irão estes nublados pensamentos,

ó nuvens que partis, e não chegaes...

O TÔJO

No mato, assim, de rôjo,
não sabe lisonjear...

É misantrôpo, o tôjo.

Dá flôr; sabe florir,
— prova que sabe amar.

Sòmente, lá finjir
não sabe, nem mentir
para agradar.

Seus bicos elle enrista
no matagal maninho?
É certo: — e estão á vista.

As almas verdadeiras
não são como as roseiras:
a flôr não esconde o espinho.

Lindo tôjo silvestre:
fôssemos nós assim!

Dás flôr, e és rude. És mestre.

Cresce no meu jardim.

O Burro e o Bêbado

Eu conheci um burro e um João:
(p'lo burro tive mais consid'ração;)
o João era um bêbado estragado,
um borracho perfeito e acabado;
o burro, êsse, era um burro: e, com certêza,
mais do que o dôno era da naturêza...

Mas segundo uma lei — que acaba emfim —
o burro não tinha « alma » e o homem sim!

Por um domingo (e tendo a alma lavada,
porque o João era christão, e nunca
perdia a sua missa bem resada,)
ia o João de volta do mercado,
já sol-pôsto, no burro escarranchado.

Tinha bebido em tôdas as tabèrnas
té mal sustêr o côrpo sôbre as pernas;
e por hi fóra, o burro, coitadinho,
amparava do dôno a alma e o vinho.

Vinha a noitinha, mansa, escorregando,
e sempre o vinho no homem trabalhando...;
e faz-se noite, e o burro, pelo escuro,
no seu miudo passo vai seguro.

Ora, mas o caminho pedregôso
logo á volta da ponte era p'rigôso;
e o burro, este sem alma, bem sabia
que lá no fundo o pégo refervia...

Vai, ao João, que lhe ha de então lembrar?
Para ali o seu burro incaminhar!
E volta-lhe a cabêça, e p'ra a barroca
co'os calcanhar's bem decidido o toca!

Mas os burros não bebem. — Água, apênas.
São criaturas naturaes, serênas;
têm a sobriedade natural
de todo o honesto e simples animal;
e, mais que tôdos, a rijêza triste
de quem morre de fome e della existe!

E o burro, quando o homem o tocou,
firmemente nas pernas estacou.

Logo o da alma sente um formigueiro
contra o « raio do burro », esse matreiro;
e toca-o, impele-o sempre para aonde
no escuro, em baixo, a morte se lhe esconde!

Como o burro não queira, elle desmonta
e tem á mão a salvação, e pronta:
ergue o cajado no ar e, em bruta sanha,
derreia o animal por onde o apanha!...

Cruel como um católico, lhe aleija
aquella carne, que não vai á igrêja!

Oh!, o acre prazêr com que lhe espanca,
colhendo a arriata, a incolhida anca!
Com que lhe joga a crua pontoada
aos olhos, á barriga esfomeada!...

Depois, mais consolado, o homem pára,
inxuga as bagas de suor na cara,
e emfim, a custo, ei-lo outra vez montado
no burro, que o recebe socegado...

E outra vez o impele (e cuida agora
que o pau cortou a manha atrasadôra.)

Mas os burros estão na naturêza.
Sofrem, pelo que é, tôda a brutêza.
Demais, sabem opôr á dôr a heroica
vontade sua, a teimosia estoica.
Doeu? Deixar doêr! Deixar batêr!
E entristecem seus olhos, a dizêr:
« Esquisito é que a Vida haja criado
esta fera que em pé, de olhar irado,
me dá a fome e bate por prazêr!... »
Operário perfeito da criação,
não é humano: — tem resignação.

E o João:
« Rai's t'a partam! » — Não anda, esse malvado!
Ha de vendê-lo! Até o dará dado!

Parece emfim ao burro, e não se ingana,
que já basta p'ra amostra de alma humana.

E emquanto o homem, doido, a praguejar,
quer levá-lo p'ra *ali*, como demente,
elle volta e, p'la noite sem luar,
leva-o a casa, muito simplesmente.

Elogio da Redondilha

Diz o pôvo, — elle que sabe
pouco mais do que cantar, —
a sua dôr: e ella cabe
dentro de ti á vontade,
dentro de ti a chorar.

Medida de maravilha,
dizes tudo, e tão piquêna,
Redondilha!

Por isso, o amôr de cantá-la
vem do tamanho que tem:
um suspiro de quem pena,
um fôlego de quem fala.

DEUS E A CIGARRA

Por formosa manhan lavada e branda,
uma alegre, saudavel manhanzinha,
vinha Deus, de passeio.

(Inda não tinha
um judeu-português feito na Holanda
o seu livro, em que Deus se evaporava
e, feito Naturêza, nella ondeava...)

Livre, pois, do bom génio de Spinoza,
vinha o Senhôr nesta manhan formosa.

Intontecendo a alma e vago errando,
havia um cheiro forte a rosas bravas;
ia o Senhôr dizendo e respirando:
— Pois senhôr's; bom perfume, cheiro brando!
Se não houvesse flôr's, — eu inventava-as.

As madresilvas rústicas bordavam
vêrdes caminhos e, familiares,
nos hombros do Senhôr meigas tocavam
e de leve na aragem balançavam,
acariciando os perfumados ares.

Por uma horta, vinham abraçados
dois bonitos e môços namorados.

Uma fonte cantava, e sem tristêza,
nessa manhan de forte naturêza.

Emfim, ditôso dia esse que o mundo
ia gosar no seu mal-estar profundo!

E Deus, internecido e sorridente
para o sorriso da ternura ambiente,
sentou-se, á sombra, em meio da ventura
de tanto bom sorriso e san ternura.

Sob o velho carvalho, que o cobria,
a suave modôrra o possuia:
e já nem acordado nem dormindo,
o Senhôr incostára-se, sorrindo...

Uma nora distante, ao pé dum rio,
ia tirando lágrimas em fio:
e aos ouvidos de Deus chegava ainda
essa canção molhada, que não finda...

Insectos, decididos a zumbir
bem zumbido o seu dia, vinham rir
aos ouvidos dormentes do Senhôr.

O Campo respirava paz e amôr.

E, como um homem, sob o azul do céu,
Deus sentiu-se da terra, e adormeceu...

Mas eis que ao Senhôr vem, confusamente,
um pôvo em grita, como usa a gente;
um pôvozinho, é certo, bem miudo,
mas para Deus deve sêr grande tudo;
e uma formiga avança e diz:

« Senhôr!
O que vêdes aqui, é um vivo horrôr!
(E mostrava uma prêsa que trazia.)
A esta doida chamam-lhe: cigarra:
e fabrica incessante a mais bizarra
e louca e destemp'rada cantoria!
Anda a gente, coitada, pelo chão,
ali carrega um nada, aqui um grão,
a suar como um homem, — e esta praga,
lá de cima dum ramo, não despega!
Deixe estar! Deixe estar! Terá a paga,
lá p'ra o inverno, desta cega-rega!

Certo é que com tanto e vão cantar,
a gente até nem póde trabalhar!
Sentenciae. »

Mas o Senhôr sorria,
(influência das rosas, do bom dia...)
e erguendo a mão num gesto grave e amigo:

— Porque tanto cantaste, eu te bemdigo.

« BÔCA DA NOITE »

« Bôca da noite »: e nella, fundamente,
já se afunda do mundo o que se via...

Hora eterna. Hora humana. Hora profunda.

Abre as asas a sombra, e no ar plangente
move os seus vôos lentos de agonia:
sombras da luz que vai, longinquamente,
outras sombras longínquas desbastando,
outras terras enchendo de harmonia,
renascendo, florindo, alumiando...

É o bafo mortal de mais um dia.

Hora humana. Hora eterna, eternamente.

Com pensamentos de imortal belêza,
recolhe-se a pensar a naturêza,
seu pensamento tôdo recolhendo.

Quedando-se no ar, o vento amaina.

O silêncio é um mar, longo e profundo...

E a grande alma do dia, esmorecendo,
pela « bôca da noite » fala ao mundo:

« Levo comigo a dôr dos que vivêram
meus instantes de amôr, que amôr criaram;
por mim, todas as coisas florecêram
porque todas as vidas aumentaram:

á minha voz, na sombra estremecêram
os que, por vêr-me, certos labutaram;
e a minha hora, que do Sol brotou,
no coração da Vida palpitou.

Eu não anoiteci: sou sempre igual.

Eu não amanheci: já era o mêsmo
que amanheceu com seu calôr vital
cada mundo que expira ou principia.

Sou o Tempo: — sou sempre o mêsmo dia.

O Tempo: — essa infinita, eterna estrada
por aonde, passando e regressando,
a Vida vai andando de longada.

E por aonde os mundos e os agreiros,
sem sentido melhor que o de ir andando,
lá vão de peregrinos caminheiros...

Sobre o vivo caminho do infindavel,
esta inquieta multidão perpassa
numa estranha jornada interminavel...

Sòmente, a estrada fica, e tudo passa:
como aos olhos daquelle que vem vindo
se lhe ergue o horizonte donde veio,
e sempre para àlem, mais amplo e cheio,
mais horizonte se prolonga, infindo.

Nessa estrada que andaes, coisas nascidas,
anciosa multidão de peregrinos
na peregrinação das vossas vidas,
no voltear sem fim dêsses destinos,
— haveis o rumo incerto e calmo e forte
da bússola que ignora e aponta o norte...

A glória do meu sêr, a minha luz,
acrescentou na alma do universo
o movimento eterno que o conduz.

Passei: para voltar, imortalmente... »

Eis, no cair da sombra já disperso,
o que a « bôca da noite » diz á gente.

Á CRUZ

Que repulsiva e rígida durêza,
a tua, ó cruz!

És contra a naturêza:
essas linhas cortadas, — sugerindo
não o Ritmo que a alma anda sentindo,
mas o violento, decepado córte
do que não gera vida, sendo morte, —
essas rectas crueis, a ameaçar,
são braços de assassino, p'ra matar!

Não amas! Não brotaste dêste chão:
és a árvore-fôrca da criação.

Teu ódio provirá de que não tens,
— porque não tens raizes mergulhando
na terra, e della falsa vais saindo, —
a amorosa lição das coisas-mães
á voz do Sol inchando e reflorindo,
na mêsma ância fraternal erguidas,
vidas buscando o harmoniôso norte...;
emquanto tu, abrindo-os, não abraças
com teus braços inuteis, e ameaças
com as linhas crueis, que dizem morte!

Não se dão bem comtigo as trepadeiras:
aos teus hombros só gostas de caveiras.

Nunca nos consolaste e internecêste:
nunca, afinal, o teu abraço déste.

Uma erva, um bichinho ou um penêdo
sabem mais do que tu, filha do mêdo.

Sofres: para gosar tua agonia.

És a dôr imoral: — a que não cria.

Os teus braços, abertos nos caminhos,
onde se inlaçam ramos, noivam ninhos,
a água, regándo, canta uma cantiga
e o Sol rebrilha amamentando a terra,
os teus braços abertos, inimiga,
condênam esta vida e são a guerra!

Condênam, sim!, o esfôrço em que se abrasa
por subir sempre, o pensamento-asa!

Condênam a alegria de admirar,
de vêr, sentir, compreendêr, amar!

Condênam tudo em que se êrga e ria
a gratidão fraterna de Vivêr,
e que sentidamente á luz do dia
chore o seu pranto ou cante o seu amôr;
tudo: — mênos a esteril agonia,
o chão salgado e sêco dessa dôr!

Da árvor' que dá lenha, flôr e fruto,
pensarás tu: — Secasse, melhor fôra,
sem luz de Sol, num pedregal inxuto,
e á míngua de seiva criadôra!

Frêsco ribeiro a deslisar sem mágua,
com tão bôa vontade de regar,
que salgasse de lágrimas a água,
para não produzir, para salgar!

A borbolêta que fecunda a rosa,
que se afogasse na água em que nasceu!
A formiga que arrasta o grão de trigo
para o levar ao formigueiro, anciosa,
morrêsse á fome, sob o azul do céu!

O homem que arranca á naturêza clara,
ao seu mistério perturbante e antigo
uma verdade gloriosa e rara,
melhor faria, julgas tu, ó cruz,
se se pregasse em ti, como Jesus!

Se não pódes sêr árvore, sêr trave,
tecto de casa ou poiso duma ave;
se não pódem florir teus braços hirtos
e, amansados emfim, darem abraços;
se não pódes dar fruto, deitar flôr,
não sêr cruz, mas sêr coisa, igual no amôr;
se não pódes, tão áspera e tamanha,
sêr vêrde ou sêr humana ou amar tambem:

despedaça-te emfim: e vai sêr lenha
na lareira dos pobres que a não têm!...

A COLEIRA

Ao portão brasonado duma quinta, estava uma vêz um cão de raça, — um cão senhôr, — gôrdo e lavado, gosando o Sol. Eis senão quando passa no caminho, farejando o estêrco, um cão magro e sujo, — um cão mendigo.

O rico, dentre a nobre porta, considera o valdevinos e, por fim, farêja-o com benevolência. O cão mendigo pára. E logo os dois:

Cão senhôr:

Realmente, camarada,
a vida não te aproveita,
nem te ha de corrêr direita...
Pois quem, como tu, farêja
(para nôjo de quem vêja!)

o que deixa pela estrada
cada bêsta malcriada
que por hi vai... Francamente,
não acho isso decente!

Cão mendigo, resignado:

Que quer's?, se tenho a barriga
a dar horas!

Cão senhôr:

E ha quem diga
que esta vida é uma festa!
Palavra: não esp'rava esta!
Eu, hôje, tendo deixado
o meu almôço no meio,
por já estar abarrotado
e abacialmente cheio!,
e tu, que dizes que tens,
— para vergonha dos cães, —
tão vazia essa barriga,
de tal sorte despejada
e tão rica só de vento,
que esgravatas no 'scremento
que incontras por essa estrada!...

Cão mendigo, sempre resignado:

São sortes...

Cão senhôr:

Pois, meu rapaz,
cá este Sol, esta paz
que se respira tão bem;
estas árvores que têm
sombra tão bôa p'ra a gente;
e o lembrar-me, juntamente,
que deixei tanta comida
que chegava justamente
para tôda a tua vida;
esta santa digestão
que me faz bom coração...,
— tudo isto me internece!
Té o meu 'stômago esquece
que sou cão senhôr, fidalgo,
cão de sala, como o Galgo
que lá em casa sempre anda
sôb a carícia tão branda
das mãos da nossa senhôra...
E, vês tu?, sou eu agora

que de alma aberta e risonha
vou para ti, cão mendigo,
e quero chamar-te amigo,
sem que disso haja vergonha...

Cão mendigo, sorrindo:

Obrigadinho.

Cão senhôr:

Ouve cá:
que fazes tu? De quem és?

Cão mendigo, melancólico:

Que faço? Vivo. E olha lá
que não é pouco talvêz...

Cão senhôr:

Mas o teu dôno? O teu dôno?

Cão mendigo:

Não tenho. O meu abandôno
é de nascença, creio eu.
O côrpo de que nasceu
este côrpo arripiado,
feio, sujo, ósseo, chagado,
talvêz tambem não tivesse
dôno qualquer que o quizesse!
Talvêz, sim, a minha mãe
andasse, como eu, tambem,
por caminhos, por estradas
longas e abandonadas,
entre o estêrco a farejar
o seu almôço e o jantar...

filósofo:

Isto, nós, os cães assim,
vem sempre de trás. Por mim,
acredito piamente:
(e sou muito experiente,)
tôda a pobrinha cadela
terá filhos como ella.

recobrando a serenidade:

Tórno a dizêr-te: que, dôno,
não tenho; nem sou de caça...

Cão senhôr, escandalizado:

E assim anda ao abandôno
um cão que, embora mendigo,
já eu tratei por amigo
e, que emfim, é cá da raça!

Cão mendigo:

Na terra do mundo vão,
segundo se é, se medra:
para os velhacos, — torrão,
para os honrados, — de pedra...

Cão senhôr, repreensivo:

Isso até te fica mal!...
És um vàdio, afinal!
E os vàdios sempre são
gente de má condição.
Para elles se fizeram,
e delles sempre estão cheias,
as Áfricas e as cadeias
onde por bem os metêram

os que têm dôno, os que têm
um domicílio tambem.

muito sério:

Que tu sabes: afinal,
sem domicílio legal
o que é um cão? Um tratante!
Um animal repugnante,
um anarquista, um patife
que nunca cheirou um bife!
Tôdos desconfiam delle,
e quando o vêem, — cuidado! —
brada este, corre aquelle:
— É por fôrça um cão danado!...

Cão mendigo, suspirando:

Infelizmente, é assim.

Cão senhôr, mudando de tom:

Repara bem para mim.
Inspiras-me compaixão.
Eu tenho bom coração:

gósto de sêr protectôr,
como convem a um senhôr...

solene:

Oferêço-te ficares
aqui nesta quinta: os ares,
são o que vês; a comida,
certa e farta. — Rica vida!
Os dônos, proprietários
da quinta, são milionários.
Mais um cão, mênos um cão...,
decerto te aceitarão.
Tomo a responsab'lidade...

Cão mendigo, gratíssimo:

Ah, meu irmão, que bondade!

Cão senhôr, íntimo:

E lá quanto a obrigações,
não te hão de mêdo metêr
nem te darão ralações...
Comêr, dormir, e comêr.

Sempre vida regalada!
Nem guarda, nem caça: nada.
E, mêsmo, pouca palavra:
a gente dorme, não ladra.
Ladrar póde sêr: guardar;
e nós, cães de milionários,
não sômos cães ordinários
que vivam a trabalhar.

risonho, aconselhando:

É bom, é chique, sêr futil...
Sêr fidalgo, é sêr inutil.
Já vês, portanto, meu cão,
que te of'rêço posição
de invejar, an?

Cão mendigo, comovido:

Oh!, decerto!

Cão senhôr:

Esta vida é um céu aberto.
Cada dois dias, a gente
tem banho. — É conveniente.

Um dos criados, com bôa
perícia, nos insabôa.
Depois, os tapêtes..., ah!
que sônos se dormem lá,
regaladissimamente!
Verás, verás... Anda, vâmos.
Vou-te mostrar a esta gente...

Cão mendigo, que tem estado a olhar, um pouco desconfiado, para a coleira que o cão senhór traz ao pescôço:

Olha lá: p'ra que o saibâmos:
(desculpa) que vem a sêr
e p'ra que serve trazêr
essa coisa no pescôço?

Cão senhôr:

Que disparate que eu ouço!

É p'ra que a sério nos tomem,
e com consideração:
a Gravata é para o homem
o que a Coleira é p'ra o cão.

Sim, amigo, é a coleira,
que de mui alta maneira
enobrece o que a trouxer...

sentenciôso:

A coleira quer dizêr,
— e tu tambem a terás
daqui a pouco, rapaz, —
que o cão que a usa, é um nobre,
não é cão de gente pobre!

mostrando-lha:

Esta até tem, para lustre
da minha pessôa ilustre,
aqui gravada, uma c'rôa...

Cão mendigo, sempre desconfiado:

Mas p'ra que serve?...

Cão senhôr, ligeiramente irritado:

Essa é bôa!
Já t'o disse! E serve mais,
àlem de dar dignidade,
gravidade, estab'lidade,
ás posições sociaes,
— para prendêrem a gente,
amarrando-lhe a corrente...

Cão mendigo, já do meio da estrada:

Ah!, não! Que, dessa maneira,
prefiro aos regalos teus
a minha honrada lazeira!
Tu, gôrdo, mas de coleira;
eu, magro: — mas livre!...
Adeus.

CONTOS

Um veio de água

Era uma vêz um veio de água exíguo
que nascia debaixo dum penêdo;
e o grande, com seu pêso escuro e antigo,
assentava sôbre elle, brônzeo e quêdo.

E nunca á luz do Sol, o forte amigo,
cantar pudera o veio de água a mêdo;
nem nunca vinha conversar comsigo
de ave sedenta o chalrear tão lêdo.

Ora, tanto correu, e resignado,
o veio de água que dali brotava
como um cego e um mudo roussinol,

que abalou o penêdo alcantilado,
e já era das aves, e cantava,
o veiozinho de água ao claro Sol!

O penêdo avô

Era uma vêz um grande e carrancudo
penêdo, que da água ali subia;
tal um grave ermitão, erguido e mudo,
com a face de frente á ventania.

Mais fraco, sempre mais, seu côrpo rudo
já o abalava a solta maresia;
mas ao velho inimigo o mar, comtudo,
com vestido de limos o cobria.

Seu manso côrpo heroico, a resistir
na praia êrma, ainda erguido no ar,
já tão perto da morte, entra a sorrir...

Recorda o tempo forte em que lutava,
e coberto de cans de escuma brava,
sente que vai em breve desabar.

Uma erva

Era uma vêz uma erva, uma sòzinha,
que vivia sem água e sem calôr;
quem passava, não via a pobrezinha,
e que visse: pisava-a, sem amôr.

O seu corpinho vêrde, que não tinha
bebido a chuva nem o Sol em flôr,
morreu: e a erva mísera e mesquinha
estendeu-se no chão, sêca de dôr.

Andava ali, naquella ocasião,
um amorôso e noivo passarinho
que construia o ninho com paixão.

E o destino da erva foi diverso:
leva-a no bico a ave p'ra o seu ninho,
e della faz a renda para o bêrço.

O caçadôr

Era uma vêz um caçadôr que andava
á caça, na manhan dum lindo dia;
e com furôr a caça procurava,
para matar, que assim se divertia.

No ramo duma árvore cantava
não sei se rôla, pisco ou cotovia;
e o caçador ouviu-a e, em fúria brava,
acertou-lhe com destra pontaria.

Mas viu, e logo!, no biquinho anciado
da ave agonizante, tal surprêsa,
qual a dessa canção interrompida,

que se ficou tremente, debruçado,
e mordeu-lhe tão dentro uma tristêza,
que déra a vida — para lhe dar vida!

Um raio de luz

Era uma vêz um astro que acendêra
no céu, lá longe, a sua luz distante;
e dêsse longe á Terra então descêra
da sua luz um raio caminhante.

Poisada numa flôr, aonde viera
para morrêr, estava agonizante
uma borboletinha que perdêra
o seu alento pela noite adiante...

Hora da morte, assim, sobre uma rosa,
que bemfadada fôste pela Vida
nesse raio de luz que brilha e escorre:

A borbolêta colhe a asa, anciosa,
e aconchegada nessa flôr, pendida,
nesse raio de luz palpita e morre.

A Canção

Quando o homem, ainda fera ruda,
distante avô feroz, no mundo errava,
a sua fala escura balbuciava
e, para o canto, tinha a bôca muda.

Já pela terra um vasto canto havia,
por este mundo aonde o avô lutava;
sòmente, o homem, mudo e surdo a tudo,
como não intendia, não ouvia,
como não adorava, não cantava.

Já em roda do homem, bravo e errante,
as compridas, poéticas aragens
se emaranhavam na floresta ondeante,
e nas ramagens vêrdes sussurravam
o seu longo segrêdo sussurrante...

Já a água, — esta eterna cantadeira
que aonde passa, canta, e vai cantando
ou nos brancos seixinhos da ribeira,
ou na fonte queixosa, entre a verdura,
ou no rio corrente que murmura,
ou nas fragas do mar arrebentando, —
já a água cantava e lhe dizia,
ao nosso avô, que a não compreendia,
sua líquida e frêsca melodia...

Já as aves, mais belas, mais àlerta
do que o homem diante da belêza,
cada manhan, e mal que o Sol esperta,
saudavam, a cantar, a naturêza;
e nos seus vôos, — que ellas ensaiaram
medrosamente nos primeiros dias,
porque para vivêr é que voaram
e é só a dôr que lhes enfórma as guias, —
e nos seus vôos tinham aprendido,
nas curvas que p'lo ar a asa traçava,
o canto já por ellas despedido
quando inda o homem, triste, não cantava.

Já fundindo no canto destas coisas
e destas aves, e repercutindo,

— como aos nossos ouvidos que se embalam
nessas vozes remotas que se exalam, —
já fundindo e fundido no cantar
da floresta e da ave e da água fria,
cantava a voz do Ritmo a embalar
os mundos e este mundo que crescia...

Sòmente, o homem, mudo e surdo a tudo,
como não intendia, não ouvia,
como não adorava, não cantava.

Oh, divino momento da criação
esse em que o homem, com o Sol no olhar,
ergueu a sua voz numa canção!...

E em que essas notas rudes, que se somem
recolhidas nos ecos a cantar,
são sagrado baptismo que o faz homem!

Oh, divino momento imperecivel,
em que a fera, amansando a alma animal,
pelas notas do canto é já sensivel,
por sua voz erguida, — é fraternal!

A Palavra nubente vai seguindo
leves passos do Som, que a cinge e abraça;
inda medrosa e tímida esvoaça,
já, mais segura, as sílabas abrindo,
já, mais forte do que elle, o leva e arrasta!,
e já nelle fundida, espôsa e casta,
é como um vôo de asa aos céus subindo!...

Jàmais se estinguirá, dêsde esse instante,
aquella voz profunda que acordou
n'alma do homem a alma soluçante,
— como um eco que um eco despertou...

Jàmais se apagará: e irá assim
pelos tempos afóra ingrandecendo
essa alma que canta, — adora emfim!

Ha de chorar, ha de sonhar, ha de ir
em cada dia mais e mais crescendo:
embalar as crianças a dormir,
regêr o braço que fecunda a terra,
guiar o braço que lá vai ao leme,
conduzir os soldados para a guerra;
dizêr o adeus que se não diz falando,
e tudo aquillo que se cala e geme;
subir, do vale, aos píncaros da serra,
descêr do monte aos vales, ecoando...;
rindo nos olhos, ou na voz chorando,
ha de sêr, no humano coração,
esta fórma suprêma: — uma canção.

E, depois, já ensôam tambem nella,
já no cantar do homem são casadas,
traduzidas modulam, — espalhadas
vozes de ave e floresta e de água e estrêla...

Nessa núpcia incantada, em que se inlaçam
a Palavra e o Som, já se traduz
o crepusc'lo dos sons que mal perpassam,
e mais os cantos épicos da luz!

Já pela voz dum homem, comovida,
pela sua canção, — perpassa a Vida.

E sagrado por ella, o homem levanta
a voz que fraterniza pelos céus:
sua voz que do mundo se ala e canta
no ar livre: — no hálito de Deus.

Uma Semente :

. . . . . .

No gesto de amôr
que a terra semeia,
na loira mancheia
do semeadôr,
— rolei para o fundo.

No escuro profundo
da sombra pesada
que lá me involvia,
fiquei desmaiada;
julguei que morria.

A treva pesava,
húmida, dormente:
e eu, vagamente,
sofria, abafava.

Já quando, a cuidar
que ia assim ficar,
pensava em morrêr,
senti-me acordar,
— revivêr...

Do meu sêr,
outro sêr sahia:
e da minha vida
perdida na sombra,
mais vida nascia...

Meu corpo ingrossava
e, lá dentro, inchava
a minha alma tôda...

Já tambem á roda
de mim, acordavam,
como eu murmuravam
outras que, como eu,
morriam num sôno
de frio abandôno...

Tudo, em volta tinha
lento respirar:

E havia um calôr,
um vago esplendôr,
um bafo que vinha
de cima, do ar!,
que a terra furando
nos ia chamando,
com luz norteando
nosso germinar!...

. . . . . .

AS FONTES :

Olhae, vós, a naturêza,
com olhos de bem olhar;
as fontes não têm tristêza
na sua água a falar.

Nem razão nenhuma têmos
para chorarmos de mágua:
dêsde que tão bem vivêmos,
dando a cada sêde, a água.

A sêde dos passarinhos
é modesta a mais não sêr:
mal em nós poisam biquinhos,
começa a sêde a morrêr.

A sêde brava, abrasada,
morde na água..., cuidando
que a fonte, que está parada,
da bôca lhe vai 'scapando.

A sêde dos caminheiros
que passam, de longe vêm,
dá-nos beijos verdadeiros
na bôca que as fontes têm.

A sêde funda das plantas
diz-nos do chão, tôda vêrde:
— Ó fonte, que bem tu cantas:
nem uma gôta se perde.

E a toda a sêde que passa,
cansada, que vem por nós,
dá-se-lhe a água da graça,
diz-se-lhe: — Bebei em nós.

Homens, raizes e aves,
tudo o que vive e verdêja,
bemdiz as fontes suaves,
religiosas sem igrêja.

Por que hão de chorar as fontes?
A água corre da bica,
e a alma imortal lá fica
na intranha pura dos montes.

Longas palavras falâmos,
longas corrêmos, serênas,
mas sômos tristes, apênas,
— quando secâmos...

O Burro Moribundo

Emfim, chagado, exausto, e abandonado
pelo último dôno que o possuia,
deitou-se o velho burro e, descansado,
esp'rou que a morte em breve o levaria.

De cem dônos provára o trato rudo,
ajudando os mais pobres a vivêr:
o pêso transportára de mil cargas,
e, — sempre com vontade de comêr, —
comêra sempre as ervas mais amargas:
e, com paciência, suportára tudo.

Á beira do caminho um homem passa
com seu cão, que farêja o moribundo.
O homem ri-se: — E é que não ha no mundo
nem bêsta tão manhosa e tão madraça,
nem teimôso tão vil e tão profundo!

Mal aquêlles se vão, diz um cavalo,
vaidosamente, pondo-se a mirá-lo:
— Caricatura do meu côrpo belo,
dôrso p'ra carga, não me metes dó...
Fôras tu meu irmão: trazias só
formôso cavaleiro, a invaidecê-lo
com trabalhadas mãos, cabêça alta,
fina bravura que pompeia e salta!

Entreabrindo os olhos, que mal viam,
ouvia o burro as vaias que diziam.

Mas chêga ao pé do moribundo, então,
um real e magnífico leão;
e com real, magnífico desdem,
medita, e para o burro diz tambem:
— Sêr leão, e sêr burro!... A naturêza
é duma fantasia inesgotavel:
a mim fêz-me orgulhôso e admiravel,
deu-me a fôrça tranquila, a realêza;
mas a ti, pobre coisa, quanto a mim,
foi p'ra se rir que te ingendrou assim!

No arranco da morte, o burro exala
esta suprêma e já sumida fala:

— Tudo perdôo á sina desditosa,
pancadas, fome, injúria imerecida:
mênos sêr insultado, ao fim da vida,
pela arrogância bruta e gloriosa!

ALMAS SUPRÊMAS

Francisco de Assis

Ó pobrezinho incantadôr: mendigo
que trouxéste na esplêndida pobrêza
o esplendôr do Sol, teu claro abrigo,
mais o da tua irman — a Naturêza!

Melhor que tôdos, só por mais amigo
de tudo, na fraterna redondêza,
tu lograste o Sabêr, que andou comtigo
na tua alma feita de belêza.

Fôste, mendigo amado, o homem futuro,
esse p'ra cuja alma harmoniosa
não haverá na Vida um ponto escuro.

Fôste um raio de Sol descendo á dôr:
maior que tôdas, pela lei do amôr,
fundaste a religião, — religiosa.

Spinoza

O vento da Razão, forte e vital,
levou os deuses, com fecunda ruina;
mas erguido ficou, alma divina,
o teu Deus, — que é o único imortal.

POESIA DAS COISAS

I

Penso, — e a sentir eu vivo cada ideia, —
que um semeadôr, um dia, ahi semeia
um pôvozinho de almas deligentes
que leva em sua mão: essas sementes
floriram tôdas, tôdas despertaram
ao claro, iluminado chamamento
do Sol: e fôram mães que acrescentaram
a tôdo o pensamento, um pensamento...

Mas tôdas, — mênos uma! (eu penso). E aquella
que lá ficou, quem ha de saber della?

Por que não germinou, se ella era irman,
por graça, por destino, por amôr,
de quantas recebeu a terra chan?

Ai da semente que não deu a flôr!

Será (bem sei) da Vida, como as mais:
mas ha fins certos, sortes desiguaes...

II

Num carreirinho aonde, debruçado,
passei 'squecidas horas, aprendi
a bem melhor cuidar no meu cuidado,
a sêr melhor por tudo o que lá vi:

Em uma póça de água, que coubera
na inconchada mão, e fôra pouca
para um homem molhar a sua bôca
para inganar a sêde, se a tivera,
em uma póça de água achei deitado
um côrpo môrto, um náufrago que tinha
contra a morte decerto labutado:
vi-lhe nas mãos aflitas agarrado
um pedaço minúsculo de ervinha...

O amôr á vida que isto tudo tem!
Na vida, até se estima a sua mágua...

Ai do que vive, que terá tambem,
um dia, certa, — a sua póça de água!

III

Carreirinho dramático, me ensina,
melhor que os meus filósofos profundos,
o norte que na Vida se destina
ás póças de água, aos homens, mais aos mundos.

Esta pocinha, a chuva a foi criando:
agora um pingo e logo outro e, assim,
foi a nuvem na terra derramando
sua líquida alma, e o céu limpando
quando essa alma lhe chegou ao fim.

Limpo o céu, brilha o Sol e, tôdo o dia,
sôbre a água que a chuva ali deixou
elle dardêja a luz com que alumia:
e um seu raio de luz bebeu, sugou
esta água em que o Sol se reflectia.

Erra no espaço esta pocinha agora,
impalpavel, ligeira vagabunda...:
até que a nuvem, sua mãe de outrora,
a apreende de nôvo, quando inunda
a terra com a chuva criadôra.

E quando, sôbre a terra, outra vêz póça,
brilhe á luz, que inda a ha de evaporar,
bem poderá dizêr: — É vida nossa:
nós vimos e passâmos, p'ra voltar...

IV

O caseiro da quinta é sabedôr;
quando pôz o pomar, disse p'ra o dôno:
— Daqui a annos, por um bom outôno,
já vai a fruta á mêsa do senhôr!

Mas a terra da quinta é desigual:
aqui o humo a aquece e a frutifica,
e, mais adiante, é como um pedregal
em que arrefece tudo que lá fica.

Assim, raizes houve que sugaram
o bom calôr, o forte mantimento;
e outras que não puderam: e deixaram
as árvores num triste infèzamento.

Entre estas houve um damasqueiro que era
da espécie melhor, mais estimada,
e que seu fruto raro ao certo dera
se adergasse com terra afortunada.

Chêga a família, um dia, e sai a vêr
o seu pomar, a respirar-lhe o cheiro;
mas p'ra o caseiro o dôno entra a dizêr:
— Lá isto assim é que não póde sêr!
Vê se me cortas esse damasqueiro...

V

Aquelle roussinol, mêsmo de dia
e na triste prisão onde o metêram,
passa o tempo a cantar! — Pois não morrêram
suas inspirações, dêsque o prendêram
nessa triste gaiola de agonia?

É que essa ave, em pequenina, quando
mal sabia da vida, e apênas tinha
entrevisto no céu, por elle andando,
a noite que do mundo se avizinha;
quando nos ramos dôces dos salgueiros
e dos choupos do rio mal poisára,
e quando inda do vôo não provára,
entre os seus bons amigos companheiros,
o gôso largo, a comoção tão rara;

quando, afinal, sabia só da vida
esta impressão que a ave deve têr,
de que é p'ra sêr voada e sêr sentida
que do ninho sahiu para a vivêr:
um homem cru e destro aprisionou-a
e em sua mão tolhendo-lhe cada asa,
com a ponta cruel dum ferro em brasa,
— cegou-a!!

Na noite em que ella jaz e em que se afunda,
é a sua cegueira que é fecunda:
a sua noite tem luar, seu Sol,
e o roussinol verá o céu, estrêlas...

Mas não serêmos nós o roussinol?

As coisas são o que se pensa dellas.

VI

Vêjo passar, por essa estrada, ás vêzes,
tranquilos animaes que um homem guia
com a comprida vara: — são as rêses
que vão para matar, no outro dia.

Ha bois, velhos op'rários, amostrando
cicatrizes da sua escravidão,
do tempo em que aos arados trabalhando,
fôram as terras bravas fecundando
e ajudaram a dar-nos vinho e pão;
e com ar inocente de donzelas,
— bôcas mimosas, fina e san pelagem, —
lá vão, naquella última viagem,
as mocidades simples das vitelas!

Se se distrae, entanto, aquelle homem
que os incaminha pela estrada fóra,
os pobres animaes, gostosamente,
ás bordas do caminho vão, e comem
na verdura das sebes viridente
o tenro vegetal que os enamora.

O guardadôr estende a vara, então,
sôbre esses condenados que ali vão:
e elles retomam, com paciência mansa,
relanceando os olhos cristalinos,
o caminho que vai para a matança,

na comum ignorância dos destinos...

VII

Aquelle homem que passou e tinha
nos seus olhos, em tôda a sua face,
uma grande tristêza, que sustinha,
com vergonha que a visse quem passasse;
esse homemzinho tímido, mostrando
nas pobres mãos, em todo o geito seu,
que é dos que vivem sempre trabalhando
curvados numa mêsa, copiando,
maquinalmente, quanto se lhes deu;
este sêr que não ama e nunca tem
sua parte de Sol; nunca sentiu
o mar, a serra, a naturêza mãe,
que, por nunca têr tempo, nunca viu:
nesta manhan festiva de domingo
bateu-lhe na janela a luz mais viva,

e em clara voz que ria e chalreava,
assim dizia e cantava:

« Domingo! Primavera!... Lindo dia
da estação fraternal como a alegria!

Domingo! Primavera!... Os arredores
da cidade impestada em que tu moras,
já se revestem de cheirosas flôres
que eu mêsma abri, desabrolhando auroras!
Longe da tua rua, onde mal ponho
os meus raios etéreos, e em segrêdo
mal posso penetrar e brilho a mêdo,
eu, luz, derramo o certo e claro sonho!
Deixa o teu pobre quarto e, respirando
o benéfico ar desta manhan,
vai teus pulmões escassos refrescando
pela robusta claridade san.
Uma alegria inicial percorre
homens, rochêdos, plantas, animaes:
de clara fonte a água clara escorre
que excita fundas sêdes fraternaes.

Àlem, no pasto môço das campinas
correm, folgando, as éguas amorosas;
e o seu alôr vital de voluptuosas
o mêsmo é que vibra nas narinas
dos homens aspirando o cheiro ás rosas.
Muda-se em côrpo a alma e, da mudança,
parece que ficou mais alma ainda...
A Terra desinrola a vêrde trança
que p'los oiteiros cae, inunda e alinda.
Vem aprendêr, vem vêr a naturêza,
decorar a lição que ella te der,
— e ás vêzes cura-se a maior tristêza
vendo uma cara linda de mulher...
Domingo! Primavera!... Eu sou aquella
que dá, por dar; que bate na janela
ruflando os raios e ás mancheias larga
contentamento em cada sombra amarga!
Vem têr comigo aonde eu canto e espalho
o meu — de tôdos — cândido agasalho;
pelas ruas do parque que povôa
dos bibes claros a chilreada bôa;
aos arrabaldes, donde já se avista
o campo forte, as árvores nodosas;
vem amar, vem lavar a tua vista
nas mulheres, nas quintas e nas rosas!

Domingo! Primavera!... »

O homem ouvia
esta voz que cantava e o consolava
dessa morna tristêza em que vivia.

Abre a janela á luz; respira: e sente
que, decerto, ha um deus condescendente.

Veste o seu fato nôvo, — e estreado
nesse claro domingo abençoado, —
e sae...

Mas a alegria que sentiu
matou-lha, nesse dia, este revés:
estragou o fatinho que vestiu
naquelle dia p'la primeira vêz...

N'alma dos ricos estas dôr's não cabem,

estas ingénuas dôr's que tem o pôvo...

Os ricos, — esses pobres que não sabem
a riquêza, o sabôr dum fato nôvo!

VIII

Subi, subi (assim é forte a ideia),
subi, olhei, e donde já não via
o tribunal, a Bôlsa e a cadeia,
a descomposta dôr que ahi fervia;
donde os homens, emfim, deixei de vêr,
que ainda feras são e já sublimes,
o podêr, o dinheiro, e os seus crimes,
para avistar: o Homem a vivêr.

Subi, subi, mas sempre vi, no chão,
tôdo o divino esfôrço nosso irmão:
e dessa altura, donde ao pensamento,
varridas pela forte mão do vento
as derradeiras névoas se lhe sómem,

eu avistei, trágico e belo, — o Homem.

No seu rôsto mostrava essa tristêza
com que, sòzinho, encheu a naturêza.

Elle, que tudo foi, por isso é triste
como tudo que em si labuta e existe:
tôdas as longas vidas que viveu
para sêr Homem, tôdas lhe deixaram
o seu rasto de dôr, que não morreu:
tem pensamento só porque sofreu
mais dôr que as outras coisas que o criaram.

É triste como a erva, como a fraga,
e como as águas do mar;
e ficou-lhe, do tempo em que foi vaga,
o canto heroico, a mágua a soluçar!

E eu nelle vi, por entre os mil fadários
que diziam os belos olhos seus,
o vencedôr dos deuses sanguinários,

o animal que emfim decifra Deus.

Da sua Terra, aonde, Terreâno,
a pouco e pouco terra conquistára,
já buscando a verdade e logo o ingâno;
da sua Terra, aonde, Terreâno,
dessa charneca árida fizera
meigo lar, bôa quinta onde plantára
o seu pomar, e semeou a seara
cujo pão tão bem ganho emfim comêra;
da sua Terra, aonde o sofrimento
de esfumados avós rudimentares
de longe lhe enformára o pensamento,
maravilhosa flôr florindo os ares;
da sua Terra, aonde, ao vivo brilho
da luz amada e já compreendida,
elle amára a mulher, gerára o filho
e, abraçado nos dois, quizera a vida;
da sua Terra, que elle amava agora
com consciente amôr, certa paixão,
porque assim como o Sol nasce da aurora,
o amôr vem da harmonia da Razão:
— o Homem, olhando o céu, num calmo abraço,
com olhos claros abraçava o espaço...

Não era já aquelle olhar distante
de caçadôr, tambem de caça errante,
que lançára p'ra a selva aonde sentira
o roçar duma fera acêsa em ira.

Não era já o olhar, turvo de mêdo,
do que emudece em frente dum segrêdo;
o apavorado olhar de quem, erguendo
os seus olhos num pálido desmaio,
cuida vêr de altas nuvens vir crescendo
o deus castigadôr, dôno do raio!

Era um serêno olhar que tudo *via:*
cujo brilho solar iluminava,
com a luz que do fundo lhe partia,
as luminosas coisas que tocava.

E o homem, vasto olhar circunvagando,
sentiu-se irmão de tudo que ia olhando.

Irmão, irmão daquillo, irmão de tudo
que lhe abrangia o olhar absôrto e mudo...

Mas sentiu-se, tambem, como proscrito,
estrangeiro no mundo e no infinito!

Mas sentiu-se, tambem, sacrificado,
como tudo que emfim compreendia,
àquelle Tôdo, aonde, sublimado,
para a sêde do eterno fôra nado
e em transitória fórma residia!

E que o Tempo, coveiro e pai dos mundos,
com ritmo certo aonde a Vida ondeia,
havia de, nos olhos seus profundos,
lhe apagar para sempre a sua ideia!

Que disperso no harmoniôso vento
iria assim, desfeito em vento e pó,
o seu iluminado pensamento
vivêr ainda, — inconsciente e só!

Que a mêsma lei, — única certa e clara, —
havia de estinguir depois tambem,
remotamente, a sua Terra cara,
o seu planêta-pátria, — a sua mãe!

E do olhar humano, vago e fundo,
cahia o pranto em lágrimas disperso...

N'alma dum homem cabe a dôr dum mundo!
Numa lágrima chora-se o universo!...

A VIDA E A OBRA
DUMA
BORBOLÊTA

Á luz, que a doira e incanta,
bate as asas, ha uma hora,
a borbolêta: — e, agora,
morre poisada na planta
que fecundou, criadôra.

Que linda biografia
e pura obra de amôr:

Vivêr a hora de um dia,
e deixar de si, na Vida,
esta memória florida
donde ha de nascêr a flôr.

A Bússola e o Norte

O Norte, que é? Acaso sabê-lo-á
a agulha que se vira para lá?

Que simpático rumo é o rumo della?
Por que ama, assim constante, aquella estrêla?

E para àlem da estrêla, para àlem...,
quantas ainda a nortearão tambem?

Não o sabe, decerto, a agulha: e indica
uma coisa que *sente*, e que lá fica...

Assim em nós, recôndita, a indicar,
é a alma uma agulha de marear.

Não sabe, como a outra, o rumo incerto
que, todavia, marca, largo e aberto.

E, como a ella, a simpatia funda
para àlem nos conduz e nos afunda.

A agulha diz que lá — aonde?, — brilha
um ponto, uma atracção de maravilha.

A alma, como a agulha a nortear-se,
de si mêsma se aparta e em si se ajunta,
para fixar-se, para preguntar-se...

A nossa vida tôda, é uma pregunta.

MORAL DAS AVES

Moral profunda e suave,
essa que tem uma ave!

Cantar, voar tôdo o dia,
fazêr bem, dando alegria.

Ás aves, Deus, se pudera,
abençoando-as, dissera:

— Bemdito sêja quem sente
a Vida que se ha criado,
e no seu dia cantado
a soube amar, inocente!

O SILÊNCIO

Vozes do mar, de ribeirinhos claros,
de árvores ameigadas pela aragem,
de montes e de vales e de ninhos,
de penêdos e de ervas e bichinhos,
respirações suaves da Paisagem...;

(uma formiga arrasta um grão: entanto,
ha de o seu pêso ir a arrastar no chão,
e esse pêso, a arrastar, será um canto...;

vai á roseira a borbolêta anciosa:
e ao sugá-la, nos rápidos instantes,
ha um barulho musical na rosa
e outro naquellas asas palpitantes...);

cantos do Sol amanhecendo a aurora,
vozes do Sol enchendo ò meio-dia,
ais do Sol pela tarde gemedôra...;

vozes-sôpros e sons crepusculares
que evaporaes e adormeceis nos ares,
aonde tudo dorme e tudo erra:
as dos frutos crescendo nos pomares,
as das raizes a furar a terra;
as dos astros que vão, longinquamente,
rompendo o ar, nas órbitas traçadas,
e donde nos virão (a alma as pressente)
outras vozes, tambem, adelgaçadas...;

fala do Tôdo, línguas do universo,
cujos diversos timbres são iguaes:

— sois vós, no vosso murmurar disperso,
que este Silêncio universal criaes.

Apênas no Silêncio, na belêza
do seu falar, a alma se extasia:

harmoniôso como a luz do dia,
o Silêncio é a voz da naturêza.

TRABALHO

Como o velho não póde trabalhar
e é deligente, põe-se ao Sol, e emquanto
os da sua família vão cavar,
elle, tôdo intretido no seu canto,
com os trôpegos dêdos despontando
as canas sêcas que lhe á ilharga estão,
cuidadôso e calado vai armando
a gaiola que os netos venderão.

Fico a vêr a tarefa em que se imbebe:

O artista, em sua obra debruçado,
tem nella pôsto o coração inteiro:
medita, experimenta a cana leve
que melhor servirá para poleiro;

a haste que ha de sêr a trave forte
da masmôrra do lindo prisioneiro;
e mede tudo, e nada vai á sorte;
(o canivete, já destemperado,
precisa que lhe faça um nôvo fio...)
e cada mat'rial, bem preparado,
que elle escolheu no canavial do rio,
é tambem longamente meditado
pelo velho, esquecido já de mim...;
e, trabalhando sempre, vai assim
apertando a prisão onde a asa ha de
abatêr na surprêsa e na saudade.

Nunca o que vai fechar na livraria
a alma, e só ahi lhe dá sabêr,
cuidou que tanto e tanto custaria
esta obrazinha rústica a fazêr!

E eu debruço-me e sigo atentamente
esta sábia tarefa que o velhinho,
sem sêr por mal, opõe á ave contente,
que ahi terá, bem imperfeitamente,
a saudosa ilusão de têr um ninho.

Alguem, que não sabia, e foi passando
pela beira do velho, á parte disse,
do modesto trabalho desdenhando:
— Coisas da velhice...

Não sabem, não!, de quanta dôr humana
se ha de fazêr — sêja o que fôr! O enlêvo
que o velho emprega, p'ra medir a cana,
e que eu emprego, quando sinto e escrêvo.

Tôdo o trabalho é áspero e consola,
tôdo o trabalho custa, é vivo e fundo:
sêja p'ra construir uma gaiola,
sêja para se dar belêza ao mundo.

O Dia que Passa :

Eu fui um dia: fui, da eternidade,
— árvore em flôr cuja raiz abraça
e enlaça a sempre vêrde ramaria, —
um instante perfeito de verdade,
um momento visivel de harmonia.

A Lenha

No lar, aonde arde e canta
a lenha familiar,
a bôa lenha, que a gente
mal recorda que foi planta,
ramo de árvore virente,
trave de ninho amorôso,
braça de pomar cheirôso
ou cêpa na vinha ardente;
a lenha, que o lume abrasa,
desintranhando o calôr
que dentro dos troncos mora
e, suavemente, agora,
com viva chama de amôr
aquece a família e a casa;
a lenha canta...; e, cantando,
vai ardendo e revivendo,
morrendo e resuscitando
nas chamas que vai erguendo,
nas cinzas que vão ficando:

— Consome-me o lume loiro,
o vivo fôgo espertado,
e eu crio, desfeita em oiro,
um Inverno agasalhado.

Que longas vidas vivi,
que vêrdes horas passei,
dêsde que no chão cresci,
até que meus frutos dei
e em chama me consumi
e em cinza resuscitei!

Bate a chuva na janéla,
emquanto me fico a ardêr...
Fria chuva, que quer ella?
Quer entrar, p'ra se aquecêr.

Uma vêz, era em agôsto,
numa tarde que sabia
já de leve ao claro môsto
que nas vinhas rescendia;
uma vêz, num ramo que era

na primavera florido,
carregado em cada outôno,
veio morrêr, no abandôno
da tarde que já morria,
um passarinho ferido...

Que longas vidas vivi,
que vêrdes horas passei!

Olhos: parae-vos aqui:
longamente olhae, fixae
as chamas em que subi,
as cinzas em que fiquei...

Tão debruçada cahia
para o rio uma ramada,
que já a corrente lhe ia
pegando, como a levá-la,
a dôcemente arrancá-la
do tronco a que pertencia;
a água, que ali corria,
« Anda comigo », cantava:

e o ramo, que a intendia,
quando o vento o balançava,
p'ra vêr se se desprendia
do tronco se debruçava.

Passa o vento no telhado
emquanto brilho, a cantar...
Que quer o vento? Cansado,
quer entrar, p'ra descansar.

... Tantos dias a ramada
na água molhou as franças,
sempre tôda debruçada
para aquellas águas mansas
da tentadôra levada,
que, emfim, do tronco caindo,
naquella água foi indo.

O lume a ardêr é prisão
para os olhos..., e porquê?
Olhando o lume, elles vão
olhando o que se não vê.

... Lá vai a ramada agora
na água corrente e fria,
longe da árvore que outrora
ao tronco forte a prendia;
e, quando na água corria,
cada árvore da margem
que para o rio pendia
a sua vêrde ramagem,
parece que lhe dizia:
« Quem me dera de ir andando
como tu, livre tambem...; »
mas a outra, caminhando,
respondia: « Quem me dera,
quem outra vêz me prendêra
ao peito da minha mãe... »

Vão lá fóra os pobrezinhos
por maus caminhos, ao vento;
a sua rica fogueira,
que tem no céu a lareira,
o Inverno apaga-a, cruento!

Que será delles, sem ella?

Bate a chuva na janela,
passa o vento no telhado!

Olhos: fechae-vos aqui:
sonhae, recordae; ouvi
o lume quase apagado...

Que longas vidas vivi,
que vêrdes horas passei,
dêsde que no chão cresci,
até que me acendi,

e me apaguei...

Os Búzios :

Vive em nós, canta em nós, continuamente,
esta voz de lá-longe sussurrante,
a errante e vaga voz do mar ausente;
voz antiga e dormente, a cada instante
revive em nós e, rumorosamente,
é sempre diferente e semelhante;
vive em nós, canta em nós, longinquamente,
cabe nas nossas conchas, expirante,
tôda a alma da água, longa e ingente;
voz antiga e dormente, alma distante,
errante e vaga voz do mar plangente,
é voz e é alma, é vaga e é constante;

vive em nós, canta em nós, eternamente...

Os Ecos :

Repetimos apênas o que ouvimos:
mas tão profunda alma as vozes têm,
que, repetindo nós, ides ouvindo,
na voz dos ecos, — outra voz de àlem...

AMÔR ETERNO

Morrêr ha de custar, que a alma deita
raizes fundas nesta vida estreita.

Morrêr custa: e sòmente ha de custar
porque se deixa de podêr amar!

Como este mundo é lindo, é tôdo lindo!
O mar, o Sol, este jardim florindo...

Ah, que manhan deliciosa aquella
em que a luz vai ruflando na janela
e diz na sua épica alegria:
— Vem amar, vem cantar este teu dia!...

O nosso dia: o rápido momento,
que, com alguns iguaes, ligeiro vento,
é a vida do nosso pensamento!

Como este mundo é lindo, o mundo inteiro:
o fruto, a ave, a água dum ribeiro...

E ao ar livre, no mundo, os olhos meus
sentem que se embriagam dêsse Deus
que está na naturêza, é sua ideia,
e, que, sendo ella própria, em tudo ondeia.

Ha de custar... Ainda que morrêr
sêja ir, com direito rumo ao norte,
doutra maneira e sempre: ainda vivêr.

Mêsmo, que diz esta palavra — morte?

Quando outros homens, com sabêr mais certo
e mais certo falar houver, um dia,
olhando a Vida como um livro aberto
em que tudo é razão, tudo harmonia;
e pôsto em transparente linguagem,
em uma fala tão precisa e alada,
em um dizêr tão claro e tão profundo
que se vêja através, como uma imagem
que um tanque de água mostra lá no fundo,
será por outras certas renovada
esta palavra mística e vazia...

Mas deixar-se de amar! Deixar de vêr!
Deixar-se de sentir e de sabêr!

Abandonar as coisas bem-amadas,
os nossos bons e pequeninos nadas!

Vêde a hera nos muros, a afectuosa:
como se aninha, como se aconchêga
a uma parêde pálida e musgosa,
com tal dedicação, tão forte e cega,

que o que tiver corajem de arrancá-la
àquelle amôr antigo, amôr profundo,
ha de vêr que é o mêsmo que matá-la.

Nós sômos heras abraçando o mundo!

Nós, consciências, ao lembrar a morte,
cuidâmos em fugir á lei mais forte:
« Talvêz a Vida abra uma excepção,
em meu favôr, á sua lei fatal:
os outros homens tôdos morrerão,
mas não serei, *eu só*, alma imortal? »

Este cantinho, por nenhum trocado,
donde se vê um muro arruinado
e umas árvores sós, perto da água,
embora estreito e respirando mágua,
assim como é, assim como se viu,
— a pátria se tornou do que o sentiu!

Pensar que se será, vago e proscrito,
sem têr, no desamparo do infinito,
alguma coisa que se amou na vida,
e para sempre aqui ficou 'squecida!

Esta árvore que eu plantei, cresceu,
floriu: conserva um pouco do meu eu:
e pensar que outras mãos hão de, por fim,
arrancá-la e pôr outra, e evaporá-la
a essa porção de mim!

Pensar, antes da hora da viajem,
que alguem apagará, indiferente,
o traço á margem que anotou um livro!

É têr saudades, e não sêr ausente...

Saudades disto, disto tudo: até
do que em nós e no mundo inda será;
do que ha de sêr, e foi, e já não é,
se apênas é p'ra desfazêr-se já!

Quem mais vive é, decerto, o moribundo
na hora da suprêma despedida,
ao enchêr os seus olhos dêste mundo:

A saudade maior, é a da Vida.

Feliz de quem pudesse eternizar,
amando o eterno, o seu melhor amar.

Amar, como se ama uma obra de arte:
o Tôdo, o Tôdo-um, e não a parte.

Não amar, nesta vida, o que ella tem:
amar o que da Vida á nossa vem.

Não amar a belêza que se viu:
mas a Belêza só que a produziu.

Não amar, num jardim, a côr e o cheiro:
amar a Luz, que foi o jardineiro.

E, quanto ao mundo, não o vêr tão lindo
como a alma da gente o vai sentindo:
olhá-lo, sim, mas como dum vagão,
á janela, se olha uma estação...

LÁ LONGE, LÁ NO FUNDO

Não sei o que me esquece, e que eu dissera
(porque o trago no fundo pensamento)
se, quando o chamo, isso me não 'squecêra...

Penugem de asa que bailou no vento,
bem a prendêra eu, se a não levasse
o meu continuado esquecimento.

Já entrevêjo quase a sua face,
a sua face lúcida de ideia,
e logo ma levou na mão rapace
o tempo longo em que esse assôpro ondeia...

Vou sabêr o seu nome quando a onda
um instante na areia mo desmaia,
na sua língua de água em que arredonda
sílabas vagas, em que o tôdo esmaia...

E o meu sonho perdeu-se no balanço
do mar que o arfa e cala sem descanso.

Vai o vento a dizê-lo e, dentre a faina
do seu vasto ventar, apuro o ouvido:
mas logo o vento passa ou abranda e amaina,
e esse nome passou despercebido...

E o meu sonho perdeu-se no remoinho
do vento que o levou do meu caminho.

Vou escutar a terra, e colo ao chão
o meu ouvido torturado e atento:
mas como aquella onda e este vento,
a terra não me diz o sonho vão...

E o meu sonho perdeu-se no profundo
seio da terra, que acalenta o mundo.

Pelas margens dos rios vou buscando,
(fala a água, respondem as ramagens):
mas os rios correntes vão passando
e esse nome impossivel vai no brando
corrêr das águas, entre as vêrdes margens...

E o meu sonho perdeu-se nas correntes
dos rios, entre as margens viridentes.

É o longo rebôo da floresta
uma sílaba enorme... Mas o nome?
Essa profunda sílaba deixou-me
ignorante do mais que ao sonho resta...

E o meu sonho perdeu-se como um vôo
duma nota perdida num rebôo.

Êrgo os olhos ao alto e, ascendendo,
vão meus olhos p'la noite, e escuto, e indago:
mas voltam, tristes, pelo céu descendo,
que é como o rio, o vento, a onda, — vago...

E o meu sonho perdeu-se pela altura,
emaranhou-se pela noite escura.

Busco dentro de mim, porque o presinto
no mais fundo do próprio sentimento:
e, mal vou a atinar..., logo me sinto
no meu continuado esquecimento...

Pois dentre tanta fala em que se inlaça
a minha alma que busca essa adevinha,
tudo mo diz, tudo mo nega, e passa
por mim esse mistério que esvoaça,
mudavel como as nuvens á tardinha.

Em mim começa, em mim labuta e finda
uma coisa que eu sei, e ignoro ainda.

Alguma coisa certa, alta, formosa,
sabêr profundo, que terei um dia...

Assim talvêz no espaço é que se cria,
da nebulosa-dôr, a ideia-mundo.

HISTÓRIA TRÁGICA DUMA FORMIGA

Moída e cansada,
— como uma mendiga
que vem, acurvada,
p'la noite tamanha,
seus pés arrastando
com trémulos passos,
levando nos braços
um feixe de lenha, —
vinha uma formiga,
lenta, carregando
com o pêso ingente
de loira semente.

Que arrastar cansado!
Que trôpega segue!
Mas o seu cuidado
é que o bago chêgue,
como vai, inteiro,
ao seu formigueiro.

Lento, acaba o dia
e, no raso chão,
já a luz morria,
e já não havia
como em cima, no ar,
o bruxolear
daquelle clarão.

Como vai rentinha
da erva rasteira,
na sombra caminha
por vasta clareira,
— que era uma pedrinha, —
e trevas de selva,
que são as da relva.

Quando é bom terrêno,
vai a coisa bem;
embora o sérêno
da tarde, tambem,
mais frio lhe faça
no côrpo que leva
a preciosa caça
para a sua treva.

Mas, da sombra má
das ervas erguidas,
que mêdos não ha!

Cuida vêr, 'scondidas
pela escuridão,
cabeças espertas
e bôcas abertas,
bicos angulosos
de gulosos monstros
que inimigos são!

E caminha...

A tarde
de tôdo fechou-se;
já o Sol não arde,
já o dia finda;
o campo calou-se.

E tão longe ainda!

Pelo dia inteiro
no trabalho abrasa
coração caseiro
de dona de casa.

Que tarefa imensa,
labutar tamanho:
cuidar da despensa,
guardar o rebanho...

E tão longe estava
do quieto chão
p'ra aonde levava,
sofrendo arrastava
o pêso do grão!

Que dôce seria
chegar, arrumar
o bom mantimento
que a tôdas trazia,
contar ás amigas
de como colhêra

esse fruto que era
de tantas fadigas;
depois descansar,
como quem, de dia,
buscando sustento
aumentou seu lar.

Agora, atravessa
um caminho vago,
onde lhe tropeça
o côrpo, e lhe impeça
o pêso do bago...

Bonito! — Encalhado!
(Prendêra-se o grão
no barro molhado
que havia no chão.)

E agora? De cima,
de baixo, de lado,
opondo-lhe o dôrso,
morrendo do esfôrço,

— nada a desanima!, —
forcêja e arquêja
té que, finalmente,
arranca-o agora!...

Retoma a semente,
e lá vai, contente,
p'lo caminho fóra...

Ora,
por este caminho
vinham, abraçados,
môços namorados.

Elle, num abraço,
trazia-a p'lo braço,
e, de quando em quando,
(sempre que podia)

não se lhe esquivando
bôca que sorria,
beijava-a e ia
seus beijos gostando.

Já havia luar...

E os dois namorados
passam, abraçados,
beijam-se e lá vão,
sem nenhum cuidar
que aonde passaram
ali enterraram
a formiga e o grão.

FEIXE

Verdade

Tão bela é a sua naturêza,
sua harmoniosa e chan simplecidade,
que ha mentiras que ainda têm belêza:
as que são uma sombra de Verdade.

Deshomens

Vão uns criando, outros desfazendo:
já bem perto a verdade daqui fôra,
se á dos homens não fôsse respondendo
dos deshomens a alma negadôra!

Caracter!

Cada dia, melhor e mais sabêmos;
de cada vêz o espírito, mais lesto,
vai mais àlem, e tudo compreendêmos:
apênas o que custa é sêr honesto.

O prêço do pão

Sêja o pão, como a água, como a luz,
de graça, qual a Vida os dá tambem,
para que o mundo dêsça desta cruz:
p'ra que na ância sem fim que nos consome,
ao mênos sêja a terra nossa mãe,
e o prêço do seu pão: — matar a fome.

Lágrimas

Olhos que nunca se molhem,
nada verão, quando olhem.

Lágrimas, são uma lente
que apura a vista da gente.

Tôdos amam

Esse amontôa o oiro dum tesoiro?
Mas se amontôa o vão, môrto valôr,
é que inda ama, com errado amôr.

Um filho, um sonho, uma seara, um verso:
tôdos nós ampliâmos o universo.

Jesus

Com a pressa infadada de quem pena
deixou a terra, p'ra vivêr com Deus.
Melhor fôra que amasse a Madalena,
e os apóstolos fôssem bébés seus.

Estiagem

O Sol chamusca, cega, resplandece.
Que saudades da chuva pelo ar!
Morrem de sêde os coisas, e parece
que esta terra do côrpo vai gretar...

O poêma e a dôr

Da memória da tua dôr suprêma,
e não da tua dôr, faze um poêma.
Mas se falas daquella dôr, — então
é que já tens curado o coração.

Podêr do amôr

Numa mulher amada ha a belêza
que ensina o homem a vivêr, a amar;
nessa mulher ama-se a Naturêza,
como num búzio se adevinha o mar.

Justiça dos homens

Os réus:

Violámos, matámos, e roubámos...

A consciência do juiz:

Pela tua cabêça, hôje, passaram
crimes iguaes aos que te confessaram.

Felicidade

Em pouco está, breve palavra diz
tôdo o segrêdo que a ventura tem:
a maneira melhor de ser feliz,
é a gente fazêr feliz alguem.

Os poetas e a morte

Tal a dos ecos, que se alonga e cala,
voz que falou e se apagou, sumida,
é como voz da naturêza, e exala
um mais profundo hálito de vida;
assim do lusco-fusco chêga a fala
de cada coisa vaga e dolorida:
e do passado vêm, vivas se erguêram
as vozes dos poetas que morrêram.

A môsca

O homem:

Para que servirá este nojento
animal de que a minha casa é cheia?

A aranha:

Eu, quando têço a trabalhosa teia,
busco o meu pão, e a môsca é meu sustento.

Razão

O homem, no escuro, uma luzinha leva
donde radia Sol, e a sombra vence-a;
mas, ás vêzes, parece a consciência
a candeia que deixa vêr a treva.

A rosa e a couve

A rosa:

Eu infeito e perfumo. Sou belêza.
E tu?

A couve:

Eu faço o caldo da pobrêza;
e a pobrêza, moída, á noite, vem
e dá graças a Deus porque me tem.

A Asa

Alguem, — um pobre, que julgou, coitado,
que eu lhe fizera bem, — trouxe-me um dia
uma ave que aflita se estorcia
entre os laços que a tinham agarrado.

E nós, á volta, cheios de alegria!

— Que bonita cabêça! Que ingraçada!

— Ha de tratar-se muito bem tratada!

— Que bonita, e que grande!, — outro dizia.

— Agora, — o homem diz, — para sêr mansa
e por aqui se acostumar á casa,
ha de se lhe cortar, bonda uma asa...

E nós: que sim!

A ave não descansa
entre os braços do homem que a tem prêsa:
em seu olhar, redondo, iluminado,
passa um 'spantado olhar da naturêza!

Vem a tesoira: e cortam-lhe um bocado
duma asa enorme, que descae, já lêsa...

Então, começa para nós a dôr
de vêr sofrêr, morrêr heroicamente
esta ave que sofre a nostalgia
do espaço livre, do liberto amôr,
em que pairou, abrindo a asa potente,
á luz do seu bemdito e claro dia.

Do nosso jardimzinho agreste, aonde
o mar, bravo vizinho, ás vêzes rega,
esta ave debruça-se e, anciosa,
de tôdos nós, esquiva, ali se esconde,
para olhar, com o olhar que o Sol não cega,
essa amplidão tão próxima e saudosa!

E que lhe falta? Tudo que perdeu:
tudo que ainda lhe enche a alma e a vista:
tão perto está, — tão longe fica o céu!
Em roda o sente — e tão distante o avista!...

Não quer comêr. E nós a cada hora
lhe trazêmos o mimo preparado,
a carne crua, a sôpa tentadôra...

Não come: quer morrêr da sua fome!

Talvêz o peixe, — lembra alguem. — E traz-se
o peixe: e ella não quer; depois, desfaz-se
e mêto-lhe no bico...: e deita fóra!
E tenta-se outra vêz: lança-o tambem!

Só quer voar com a asa que não tem.

E morreu a tentar subir ao céu...

Homens: em nós, tambem, asa potente
cujo anciado palpitar ainda
nos eleva p'ra o espaço eternamente
numa emoção saudosa que não finda,
nos foi cortada, um dia, e quase rente.

Prisioneiros do mundo que habitâmos,
nostálgicos de tudo que mingúa,
essa impressão da asa inda flutua
na aspiração dos vôos que tentâmos.

Tal a minha pobre ave, que morreu
num 'stertôr em que a alma lhe resalta,
nós vivêmos dum vôo para o céu,
e morrêmos da asa que nos falta.

FIM

ERRATA

A pag. 100 (1.º verso do 1.º tercêto) aonde se lê:

Seu manso côrpo heroico, a resistir

deve lêr-se:

Esse penêdo heroico, a resistir

INDICE

A ância da ideia que procura a fórma 7
A Vida 9
Os Mortos : 15
Experiência 21
Pai e Filha 29
A Mãe 31
Intuição 33
Sofrêr 35
Elogios 43
O Ninho 47
A Poesia das Pragas 51
Nuvens 55
O Tôjo 59
O Burro e o Bêbado 61
Elogio da Redondilha 67
Deus e a Cigarra 69
« Bôca da Noite » 75
Á Cruz 81

A Coleira 87
Contos — *Um veio de água* 99
O penêdo avô 100
Uma erva : 101
O caçadôr 102
Um raio de luz 103
A Canção 105
Uma Semente : 111
As Fontes : 115
O Burro Moribundo 119
Almas Suprêmas — *Francisco de Assis* 123
Spinoza 124
Poesia das Coisas (I-VIII) 125
A Vida e a Obra duma Borbolêta. 149
A Bússola e o Norte 151
Moral das Aves 153
O Silêncio 155
Trabalho 159
O Dia que passa : 163
A Lenha 165
Os Búzios : 171
Os Ecos : 173
Amôr Eterno 175
Lá longe, Lá no fundo 183
História trágica duma Formiga 189
Feixe 197
A Asa 207

Stanford University Libraries
3 6105 012 145 699

PQ
92
L6
A7

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.